

MENTE BOLIVARIANA

ENTREVISTA Primeiro presidente reeleito no Equador, **Rafael Corrêa** tenta colocar em prática o "socialismo do século XXI"

A TADEU BREDA, DE QUITO

No domingo, 26 de abril, Rafael Corrêa conseguiu sua sexta vitória eleitoral em apenas três anos. A última tem, porém, gosto especial. Reeleito presidente do Equador, Corrêa ganha mais quatro anos para tentar aplicar seu projeto político, agora sustentado por maioria na Assembléia Nacional e por uma nova Constituição, que dá base institucional às mudanças propostas por ele.

Corrêa foi o primeiro presidente equatoriano a disputar uma reeleição. Também foi o primeiro, nos últimos 30 anos, a se garantir no cargo sem a necessidade de segundo turno. Teve mais de 50% e venceu em 17 das 24 províncias equatorianas. Lúcio Gutiérrez, ex-presidente derrubado em 2005, conseguiu cerca de 30% dos votos, enquanto o multimilionário Álvaro Noboa, que nas quatro tentativas anteriores de chegar à Presidência sempre havia passado do primeiro turno, obteve pouco mais de 10%.

No dia da votação, Corrêa afirmou a *CartaCapital* que os equatorianos teriam de escolher entre "voltar ao passado ou continuar com a mudança, com o futuro e com a busca pela Justiça". Um dia depois do pleito, numa segunda-feira de festa no Palácio de Carondelet, o presidente declarou-se seguro de que o povo claramente fez sua opção.

Ante a inquestionável vitória nas urnas, o presidente reeleito prometeu aprofundar a "revolução cidadã". Voltou a se definir como um socialista do século XXI e a atacar o sistema capitalista. Para ele, o capitalismo impede a possibilidade de mudanças reais. Na entrevista, concedida aos correspondentes da imprensa estrangeira em Quito, Corrêa falou ainda do grande objetivo de seu mandato: ajudar a construir uma integração efetiva que redu-

za a dependência financeira e energética dos países latino-americanos.

CartaCapital: *O senhor está na situação com que sonhou há dois anos. Tem a Constituição que deseja e a maioria na Assembléia Nacional. Quais serão as prioridades para o próximo governo?*

Rafael Corrêa: Não estou na situação com que sonhei. Sonho com o fim da miséria, da desigualdade e da injustiça, e ainda não alcançamos esta realidade. Tive um grande triunfo democrático no último domingo, é verdade, mas isso dentro da democracia formal. Sustento que o Equador e a América Latina podem ter eleições, mas não têm democracia. Não acredito que possa existir democracia onde existe tanta desigualdade. Isso tem de mudar. Os resultados eleitorais nos dão o respaldo político necessário para aprofundar as transformações que iniciamos com a nova Constituição. Precisamos ainda de uma série de leis para aperfeiçoar a nova ordem institucional.

CC: *Por exemplo?*

RC: Precisamos de uma lei de empresas públicas, outra de seguridade social, de ensino superior, de instituições financeiras e uma legislação antimonopólios. No plano econômico, vamos dar atenção especial à economia popular e

solidária. Enquanto no setor capitalista convencional o governo gasta 10 mil dólares para criar um posto de trabalho, no setor popular e solidário - comércio informal, microempresa, artesanato, cooperativismo - há um novo emprego a cada 800 dólares investidos. Vamos também continuar com a revolução social que começamos há dois anos e três meses, melhorando a qualidade e quantidade da educação pública, para dentro de oito ou dez anos ninguém necessitar de escolas privadas. O mesmo com hospitais e moradia.

CC: *O senhor acredita ser possível democratizar o capitalismo? Acredita ser possível realizar essas mudanças?*

RC: Dentro do sistema, não. Mudando o sistema, sim, e é isso que estamos fazendo. Mas não podemos ser ingênuos. As mudanças e as revoluções dentro de uma sociedade dependem da correlação de forças. Lembre-se de todo o trauma psicológico que as elites provocaram no país. Se alguém que não conhece o Equador lê os jornais daqui, somos o governo mais impopular, corrupto e incapaz da história, ainda que tenhamos 70% de apoio popular e cerca de 50% das intenções de voto. No domingo, o povo equatoriano claramente nos deu mais legitimidade democrática para avançar com as mudanças

“ O povo equatoriano claramente deu mais legitimidade democrática às mudanças ”





“A crise
que vivemos vem
das entranhas
do sistema
capitalista”

PRIMEIRO TURNO.
Correa, no domingo 26,
após a confirmação
de sua vitória

que pouco a pouco vão reverter o quadro a favor do poder popular.

CC: E qual a perspectiva dessa mudança?
RC: O desafio é fazer com que isso se traduza em investimentos e políticas públicas para as classes mais desfavorecidas do país, fora do capitalismo e dentro do socialismo do século XXI. A crise que estamos vivendo vem das entranhas do sistema capitalista. Não se pode encontrar soluções no seio de uma estrutura em colapso. Temos de construir algo novo e melhor. Por exemplo,

uma arquitetura financeira regional, para acabar com a nossa dependência de dólares. Com os recursos de que dispõe a América Latina, poderíamos nos autofinanciar em vez de enviar nosso dinheiro aos países desenvolvidos por meio de bancos centrais autônomos. Com um sistema financeiro regional, esse capital ficaria aqui e acabaria com nossa dependência. Estamos avançando nisso. Acabamos de criar entre os países da Alternativa Bolivariana para as Américas (Alba) um sistema único de compensação regional que minimi-

zará nossa necessidade de dólares. Mas ainda falta muito. Devemos concretizar o Banco do Sul e, a médio prazo, o fundo de reservas do sul.

CC: Quais as metas para os próximos quatro anos na relação com os países da América Latina?

RC: Consolidar a União de Nações Sul-Americanas (Unasul) e torná-la efetiva. Já não podemos seguir falando em integração como uma questão etérea, que ninguém entende bem, que ninguém sente. A integração tem de se traduzir em ações concretas em benefício de nossas populações. Um dos grandes erros do integracionismo nos últimos anos foi se pautar na integração comercial, que nada mais é do que a busca por mercados maiores baseada no absurdo da competitividade. Ganhava quem mais maltratava e precarizava sua força de trabalho. Assim, deterioramos o nível de vida de nossa população e da classe trabalhadora. E quem se beneficiou com produtos mais baratos foram os países do Primeiro Mundo. Não podemos seguir caindo nessa armadilha. Temos de construir uma integração focada em princípios de coordenação, complementaridade e cooperação entre países irmãos. E, assim, transcender o meramente comercial com soberania alimentar e integração energética, por exemplo. A América Latina pode ser autossuficiente em energia e isso acabará com outra fonte de vulnerabilidade. Temos de abordar todos os aspectos. Estamos avançando, mas é necessário avançar mais rápido.

CC: Que conseqüências uma radicalização do socialismo do século XXI pode ter no contexto equatoriano e latino-americano?

RC: Apresentamos claramente nossa missão ideológica e nosso projeto político. E o povo equatoriano deu um apoio abrumador. Em 30 anos de democracia no país, nunca um presidente ganhou no primeiro turno. E veja que não somos os representantes do establishment. Seria muito mais fácil vencer com o apoio dos jornais, dos banqueiros, do FMI e do Banco Mundial. Tivemos de lutar contra uma parte da imprensa vinculada a setores da oposição, contra poderes econômicos, sociais e, inclusive, religiosos. Portanto, o triunfo que conseguimos, ao lado

do povo, tem muito mais mérito. O respaldo a nosso projeto político não foi apenas nacional, mas também regional. Recebi ligações de Evo Morales, Michelle Bachelet, Hugo Chávez e Cristina Kirchner, que me felicitaram, ofereceram sua solidariedade e reconheceram haver um grande respaldo no Equador à mudança de época que vive a América Latina. Porque fenômenos semelhantes ocorreram em El Salvador, com Maurício Funes, no Paraguai, com Fernando Lugo, e na Venezuela, durante o último referendo de Chávez. A cada dia recebemos o respaldo do nosso povo para seguir adiante com o processo de justiça social e socialismo do século XXI.

CC: A direita equatoriana o vê como uma figura extremista. Já a esquerda se queixa porque o senhor ficou no meio do caminho de uma mudança mais profunda no país. Criticam seu governo principalmente por causa da Lei de Mineração. Onde se localiza ideologicamente Rafael Corrêa e a Revolução Cidadã?

RC: Se apoiar a mineração é ser de direita, então Che Guevara era de direita e Fidel Castro é de direita, pois um dos principais produtos de exportação de Cuba é o zinco, que, ademais, é explorado em minas a céu aberto. A China também seria um país capitalista, já que tem muitas minas. A União Soviética tinha mineração. A esquerda que me critica é autista. Basta ver quantos votos obteve nas zonas que dizem defender para saber que não representam absolutamente ninguém. Sou um político de esquerda, coerente, com formação ideológica e conceitual. Aliás, sou talvez uma liderança no que se refere à racionalização e sistematização do socialismo do século XXI. Quanto à direita, qualquer coisa que não seja man-

ter seu privilégio é extremismo. A única coisa que supera a prepotência das oligarquias é a sua ignorância. Qualquer mudança, para elas, será extremista. Mas o fato de alguns setores estarem assustados com o que ocorre no Equador é uma prova de nossos avanços.

CC: Com quais setores o senhor pretende aliar-se para aprofundar a "revolução"? Seu governo sentaria para negociar com a oposição?



“ Temos de construir uma integração (regional) focada na cooperação ”

dido. Acredito que o Equador nunca esteve tão unido em torno de um projeto político. Querer unanimidade é fantasia. Por isso, dou as boas-vindas a uma oposição crítica, que nos ajude a melhorar, que seja competente e tenha boa-fé. Mas não posso abrir mão de determinados princípios. Nosso projeto político saiu vencedor nas urnas e devemos aplicá-lo. Portanto, estamos dispostos a dialogar, mas com setores que sejam claros em suas demandas e posições. Qual é a ideologia de Lúcio Gutiérrez, a não ser colocar seus parentes no governo? Qual é a ideologia de Álvaro Noboa, a não ser

salvaguardar seus próprios negócios? Como é que vou conversar com esta gente? Seria uma traição a nossos eleitores, pois estamos aqui justamente para combater as máfias que tanto prejudicaram o país. Seria desonesto de minha parte depois de tudo que fizeram. Não se pode conversar com movimentos e partidos que buscam apenas defender interesses particulares.

CC: Como analisa a situação econômica do Equador?

RC: Estamos indo bem, apesar da crise. O pior já passou. Pode ser que volte, ainda há muita incerteza, mas em dezembro as remessas internacionais enviadas pelos imigrantes, dinheiro que sustenta a organização da economia equatoriana, caíram 22%. O barril de petróleo, que no primeiro trimestre de 2008 tinha um preço médio de 80 dólares, no final de dezembro custava 17 dólares. Hoje o petróleo se recuperou substancial-

mente. Temos linhas de financiamento abertas com o Fundo de Desenvolvimento da China, que nos disponibilizará 1 bilhão de dólares a ser pagos com petróleo. O Fundo Latino-Americano de Reservas (Flar) acaba de aprovar um crédito de 480 milhões de dólares ao Equador. Com a Corporação Andina de Fomento (CAF) conseguimos outros 100 milhões. Estou muito otimista. Não sabemos o que vai acontecer, claro, mas passamos por momentos bastante difíceis e o país praticamente não sentiu a crise. Para 2010 esperamos um grande ano econômico. Comparem o desemprego de março de 2009 com março de 2004. O governo de Lúcio Gutiérrez mantinha um nível de desemprego de 11,46%. E não havia crise. Nós, com crise, temos uma taxa de 8,6%, mesmo índice dos Estados Unidos e do Chile, metade do desemprego da Espanha, 5 pontos menos que a Colômbia, que tem uma economia mais sólida e não sofreu com a queda das remessas e do preço do petróleo. •